Oportunidades e desafios de uma rádio web universitária: o caminho das Faculdades Integradas Rio Branco[1]

André Rosa de OLIVEIRA[2]
Caio Colagrande CASTRO[3]
Faculdades Integradas Rio Branco, São Paulo, SP

RESUMO

De que forma o rádio pode se apropriar de características da Internet, e vice-versa? Até onde se estendem as possibilidades para uma rádio web? Quais caminhos o rádio deve seguir para se adaptar a um cenário de evolução tecnológica? O artigo propõe esta discussão a partir da observação empírica de um projeto de caráter universitário – a Rádio Web Rio Branco – e levanta a hipótese de que este ambiente é propício para a reflexão e o desenvolvimento de propostas inovadoras. O texto apresenta ainda, em síntese, uma linha do tempo da evolução dos meios, reforçando não só a necessidade de o pesquisador compreender tecnologias, como também um conceito para a expressão "rádio web".

PALAVRAS-CHAVE: radiojornalismo; rádio universitária; rádio web.

INTRODUÇÃO

Muito se afirmou, e ainda se afirma, sobre a "morte" de meios de comunicação em decorrência do surgimento de outros. Isso aconteceu com o impresso quando o rádio foi criado e com o cinema quando a televisão começou a se popularizar. O advento das tecnologias digitais conectadas à Internet, evoluindo para sistemas e interfaces amigáveis – especialmente a web – fez com que o debate associado ao fim dos meios tradicionais fosse acompanhado por novos questionamentos. Mais do que isso, a queda no custo de equipamentos computacionais, bem como o acesso a redes de computadores por meio de dispositivos móveis, representa impactos culturais.

Diante desta realidade, quais caminhos esses meios devem seguir para se transformar? O rádio, dentre todas as demais plataformas, sempre evidenciou o seu caráter adaptativo no

[1] Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas (DT 5 - Multimídia) do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, AM, 4 a 7/9/2013.
[2] Doutorando pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Comunicação pela Faculdade Casper Líbero. Professor das Faculdades Integradas Rio Branco. E-mail: andrerosa.jor@gmail.com.
[3] Graduado em Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo) pelas Faculdades Integradas Rio Branco. E-mail: jornalismo.caio@gmail.com

decorrer da história. Em 90 anos de vida, "sobreviveu" ao aparecimento de outras tecnologias e, principalmente, utilizou-se delas para potencializar o seu alcance (CORDEIRO, 2005, p.1).

Ao mesmo tempo, o rádio se apresenta como um meio atraente para os alunos de Jornalismo desenvolverem as técnicas inerentes à profissão hoje. Como afirma MEDITSCH em análise empírica de seus estudantes, "a maior parte diz que foi no rádio que deslanchou como jornalista, além das atividades no laboratório de áudio estarem entre as que proporcionaram maior prazer no período de faculdade" (p. 8, 2001).

A relação entre o prazer do rádio e a autonomia tecnológica proporcionada pela web permite a qualquer Instituição de Ensino Superior formatar e implementar um projeto similar ao de emissoras tradicionais, sem depender de concessão federal por uma faixa de frequência. Entretanto, esse cenário requer o desenvolvimento de novas estruturas narrativas na apresentação e produção de programas, além de uma leitura do contexto em que se encontra o ouvinte-internauta: seu perfil, seu comportamento, a presença de múltiplas telas, de elementos visuais e novas ferramentas que complementam o significado do texto oral ao promover integração entre diferentes mídias – é o processo de convergência em plena atividade.

Esses são os tópicos levados em consideração nos trabalhos realizados pela Rádio Web das Faculdades Integradas Rio Branco (FRB)[4], que teve transmissões exclusivamente *on line* iniciadas em 2012 e cuja maior experimentação reside nas coberturas de eventos internos e externos. A trajetória desse projeto revela oportunidades e desafios que motivaram as reflexões propostas por este artigo – entre elas a formação de equipes interdisciplinares, envolvendo alunos de diferentes habilitações (inclusive fora da Comunicação Social, quando for o caso) -, que pretende ainda discutir o conceito de rádio web a partir da origem e das interseções possíveis destes dois meios.

O texto parte da hipótese de que a universidade pode oferecer condições favoráveis para um ambiente interdisciplinar para o desenvolvimento de uma rádio web e deve exercitar nos estudantes a reflexão sobre o fazer radiofônico da atualidade, inquietação compartilhada por

[4] Mais informações em <http://radioweb.comriobranco.com>.

outros pesquisadores (DEL BIANCO, 2012): de que forma o rádio pode apropriar-se de características da web e vice-versa? Até onde se estendem as possibilidades para uma rádio web?

EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

No início dos anos 2000, o jornalista norte-americano Chris Priestman observava a apropriação da web por organizações e indivíduos interessados em "fazer rádio" neste ambiente. Na ausência de uma publicação capaz de sistematizar conhecimentos práticos, escreveu *Web Radio - Radio Prodution for Internet Streaming*. Pioneiro entre manuais ao estilo "como fazer", sintetizou em poucas palavras os conceitos necessários para a compreensão do que via: "rádio não precisa de uma definição além do sistema de transmissão pelo qual nós sintonizamos". Mas por que *Web rádio* ao invés de *Internet rádio*? Simples: "a World Wide Web descreve com mais precisão a experiência pública internacional da Internet". (PRIESTMAN, 2002, p. 4).

Seguramente, esta definição de radio web é suficiente para qualquer interessado desenvolver um projeto prático. No entanto, ao juntar duas palavras que reúnem, ao menos no senso comum, o histórico e o contemporâneo, emerge não apenas a construção de um conceito, mas a necessidade de o pesquisador na área de comunicação compreender tecnologias e fugir de termos incompletos ou imprecisos.

> Essa aproximação proporciona à área da comunicação social, dentro das ciências sociais aplicadas, potencializar o estudo qualitativo de temas relacionados à tecnologia de comunicação, pois reduz o risco de análises superficiais e sem bases científicas dos fenômenos que são introduzidos, em grande velocidade, pelas tecnologias multimídia e de redes, que afetam diretamente o comportamento da sociedade no início do século XXI. (LIMA JUNIOR, 2007, p. 130).

De fato, nos últimos 200 anos, a humanidade acompanha um acelerado processo de evolução tecnológica, ao mesmo tempo em que tenta compreendê-lo e relacioná-lo aos impactos na sociedade e em nossa visão de mundo. Da mesma forma que o rádio, historicamente, já foi "condenado à morte" com o surgimento do cinema ou da televisão, máquinas computacionais são vistas como "objetos de adoração", capazes de oferecer respostas a todas as nossas necessidades (LEVIS, 2009, p. 300). Tal pensamento reforça a

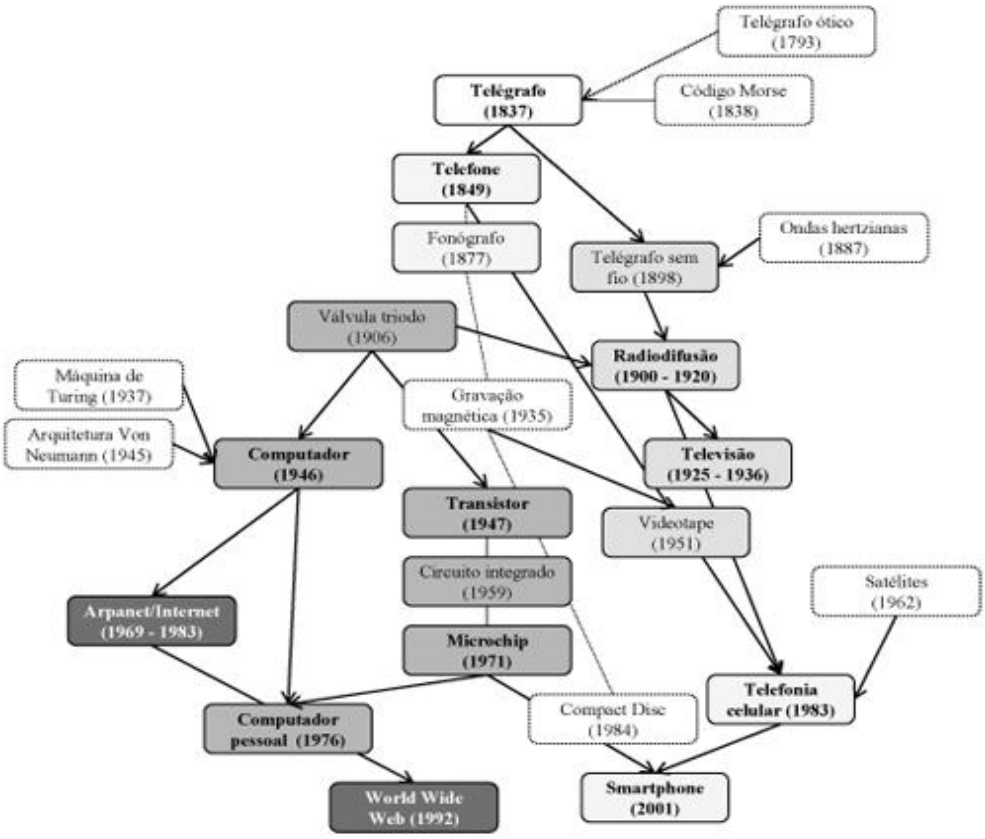

Figura 1: Evolução tecnológica a partir do telégrafo (adaptado de LEVIS, 2009, p. 67)

necessidade de uma visão crítica, bem como constatar que tecnologias não surgem do dia para a noite – mais do que isso, amadurecem com o tempo.

A Figura 1 sintetiza uma linha evolutiva de tecnologias e dispositivos que, em cada época, trouxe impactos em diversas áreas, entre as quais o jornalismo. O ponto de partida para esta trilha, ao final do Século XIX, está no potencial do telégrafo, identificado como uma espécie de "Internet vitoriana", graças às similaridades entre as duas redes:

> Durante o reinado da Rainha Victoria, uma nova tecnologia de comunicação foi desenvolvida, permitindo comunicação quase que instantânea entre as pessoas por meio de grandes distâncias, com efeito encolhendo o mundo mais rápido e mais longe do que nunca... Revolucionou a prática de negócios, deu origem a novas formas de crime e inundou usuários com um dilúvio de informações... Os benefícios da rede foram alardeados pelos seus defensores e criticado pelos céticos. Governos e reguladores tentaram, mas não conseguiram controlar o novo meio... Fora dos fios, uma subcultura tecnológica com seus próprios costumes e vocabulários foram se

> estabelecendo. Será que tudo isso soa familiar? (STANDAGE, 1998, p. VII-VIII, tradução nossa)[5].

Paralelamente, em 1887, o físico alemão Heinrich Hertz descobriu as propriedades eletromagnéticas. A criação da válvula triodo em 1906 por Lee de Forest, peça chave para a fabricação de emissores e transmissores mais potentes, potencializou o meio radiofônico. É no cenário pós-guerra que o rádio se consolida como um veículo de massa, culminando com a aparição da primeira emissora de rádio norte-americana nos anos 1920.

Compreender esta história é tão relevante quanto a consolidação de uma linguagem radiofônica, objeto de estudo das ciências sociais aplicadas, bem como fortalecer sua importância fundamental para a integração social e a sensação de pertencimento a uma comunidade. Cabe aqui mais um paralelo entre os primórdios do rádio e sua apropriação pela Internet: a autonomia técnica proporcionada pelas ferramentas digitais deu força para que não-profissionais se apaixonassem e criassem suas próprias estações, como no início do século passado (PRIESTMAN, 2002, p. 5).

Na esteira do desenvolvimento tecnológico, avanços eletrônicos notáveis durante os anos 1940, especialmente a definição conceitual dos princípios técnicos de computadores por John Von Neumann e a invenção do transistor, foram combinadas às publicações do conceito de Memex (a "máquina hipertextual" de Vannevar Bush), a Teoria Matemática da Informação por Claude Shannon, bem como Cibernética, de Norbert Wiener (LEVIS, 2009, p. 53). A evolução das máquinas computacionais levou à imprensa norte-americana insistir em uma "revolução informática", prognosticando efeitos sociais similar ao da máquina à vapor na revolução industrial.

> Em poucos anos, o computador e outros dispositivos informáticos se expandiram para quase todas as áreas das atividades humanas. Menos de 40 anos após o lançamento do primeiro microchip da Intel, o computador, em suas diversas

[5] Versão original: "During Queen Victoria's reign, a new communications technology was developed that allowed people to communicate almost instantly across great distances, in effect shrinking the world faster and further than ever before. A worldwide communications network whose cables spanned continents and ceans, it revolutionized business practice, gave rise to new forms of crime, and inundated its users with a deluge of information. Romances blossomed over the wires. Secret codes were devised by some users and cracked by others. The benefits of the network were relentlessy hyped by its advocates and dismissed by the skeptics. Governments and regulators tried and failed to control the new medium. Attitudes toward everything from news gathering to diplomacy had to be completely rethought. Meanwhile, out on the wires, a technological subculture with its own customs and vocabulary was establishing itself. Does all this sound familiar?".

> manifestações, se naturalizou a tal ponto que a sua presença muitas vezes passa despercebida. (LEVIS, 2009, p. 45, tradução nossa)[6].

Ao mesmo tempo, estudantes universitários californianos (notadamente Berkeley e Stanford) reivindicavam uma aproximação entre computadores e sociedade, influenciados pelo espírito da contracultura. É neste ambiente efervescente, pautado pela velocidade e miniaturização cada vez maior dos chips (algo que também influenciou o rádio), que a relação entre informação e computação se estreitou, culminando com a *Arpanet*, embrião da rede mundial de computadores.

RÁDIO, WEB E CONVERGÊNCIA

O britânico Tim Berners-Lee bebeu das ideias de Vannevar Bush e Ted Nelson, que cunhou a expressão "hipertexto" em 1965. Assim, enquanto trabalhava na Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (em francês, CERN) e sentia a necessidade em organizar informação perdida, em função da rotatividade de pesquisadores.

Assim elaborou um sistema descentralizado, onde fragmentos de texto seriam conectados, num sistema universal, abrangente, flexível e colaborativo. Escreveu os primeiros programas que funcionariam numa infraestrutura de comunicações baseada em computadores conectados, e definiu os parâmetros associado aos acrônimos URL (identificadores universais de recursos), HTTP (protocolo de transferência de hipertexto) e HTML (linguagem para marcação de hipertexto). Estas são as únicas premissas da World Wide Web, que se popularizou como uma "janela amigável" com vista para a Internet.

> O princípio fundamental por trás da web é: uma vez que alguém, em algum lugar, disponibiliza um documento, base de dados, gráfico, som, vídeo ou tela em algum momento de um diálogo interativo, ele deve ser acessível (sujeito a autorização, claro) por qualquer pessoa, em qualquer tipo de computador, em qualquer país. E deve ser possível fazer uma referência – um link – a este item, para que outros possam encontrá-lo. (BERNERS-LEE, 2000, p. 37, tradução nossa)[7].

[6] Versão original: "En pocos años, la computadora y otros dispositivos informáticosse expandirán hacia casi todos los ámbitos de las actividades humanas. Menos de cuarenta años después del lanzamiento del primer microchip de Intel, la informática, en sus diferentes manifestaciones, se ha naturalizado a tal punto que en muchas ocasiones su presencia pasa inadvertida".

[7] Versão original: "The fundamental principle behind the Web was that once someone somewhere made available a document, database, graphic, sound, video or screen at some stage in an interactive dialogue, it should be accessible (subject to authorization, of course) by anyone, with any type of computer, in any country. And it should be possible to make a reference – a link – to that thing, so that others could find it.".

Dessa forma, para ser "da web", um objeto informativo deve ter um endereço eletrônico capaz de ser relacionado com outros por meio de links. Nesse sentido, como é uma "rádio web"? LOPEZ (2010, p. 8) defende que o rádio se desenvolve e consolida sua linguagem própria independente da plataforma à qual se vincule. Mais do que isso, demanda por uma nova estrutura narrativa, multimidiática e hipertextual, que busque a complementação e a ampliação do conteúdo sonoro – ainda a espinha dorsal.

Na mesma linha, CEBRIÁN HERREROS (2008) acredita que a Internet representa, para o rádio, um modelo interativo avançado, sem desconsiderar a lógica tradicional e sua matéria prima fundamental: o som. Não se trata simplesmente em usar a rede como canal (o "rádio pela Internet"), mas pensar em "rádio na Internet". Seu conceito de rádio web, portanto, vai além da transposição do meio e se adapta às possibilidades que a plataforma oferece: estratégias de envolvimento e relação com um ouvinte-internauta participativo, arquivamento de conteúdos, experimentação de formatos como *podcasts*, aproximação com linguagens visuais e hipertextuais a partir de seu site.

Este cenário reforça a ideia de que a web se desenvolveu como uma plataforma propícia à convergência de meios. A junção entre rádio e web, como lembra JENKINS (2009, p. 29) vai além da unidade de funcionalidades em uma única tela ou dispositivo, mas sim em uma transformação cultural e multiplicidade de conexões em nossos cérebros, na medida em que usuários são incentivados a procurar informações e fazer suas próprias relações. Cabe dentro do termo convergência questões econômicas, associadas à intencionalidade.

> A inovação técnica normalmente é baseada em decisões econômicas e profissionais e os jornalistas usam novas ferramentas para contemplar suas próprias expectativas, habilidades e práticas. Desta forma, a convergência das redações será discutida não como um processo dirigido pela tecnologia, mas como um processo que usa a inovação tecnológica para atingir objetivos específicos em configurações singulares e é por isso que cada projeto de convergência tem resultados diferentes. (GARCÍA AVILÉS; CARVAJAL, 2008, apud LOPEZ, 2010, p. 18).

Nesse contexto, podemos definir uma rádio web como um veículo caracterizado pela expressão predominantemente sonora, apoiado em um site web que apresenta um conjunto de informações e experiências complementares. Está longe de ser uma definição completa – aliás, como a própria web: Como físico, Tim Berners-Lee já sabia que pequenas regras

descrevem o comportamento de objetos que parecem simples, mas também podem descrever o comportamento de sistemas monumentais no mundo real.

De fato, a web veio ao mundo nos anos 1990 e experimentou um crescimento exponencial, graças às suas características de auto-organização: pessoas desenvolvem conteúdos (inclusive em formato áudio), compartilham por meio de páginas HTML e as relacionam com outras. No entanto, a rede revela propriedades inesperadas em função de sua estrutura global. Tais propriedades conduzem a algo que pode ser chamado de um "comportamento adaptativo", definindo a web como um sistema complexo.

> Um sistema em que grandes redes de componentes sem controle central e regras simples de operação dá origem a um comportamento coletivo complexo, sofisticado processamento de informação e adaptação por meio de aprendizagem ou evolução. (MITCHELL, 2009, p. 12, tradução nossa)[8].

A lógica aberta da web permite ainda que emissoras exclusivas para a Internet sejam criadas. O fato de não haver necessidade de uma licença ou concessão permite, em tese, um leque de conteúdos informativos e enfoques diversificados, a partir dos interesses e objetivos da organização que a promove. Mais do que isso: não existem formatos únicos de programas ou grade de programação, mas sim uma sobreposição ou coexistência de modelos - mais ou menos participação, síncronos ou assíncronos. É nesse contexto que as rádios universitárias podem se fortalecer.

OPORTUNIDADE PARA RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS

As rádios universitárias deram seus primeiros passos em 1920, nos Estados Unidos, quando a *Wireless Radio of Union College* (WRUC)[9] – universidade na cidade de Schenectady, então com o nome de "2ADD" – realizou a sua primeira transmissão. A programação consistiu em 30 minutos de músicas, sendo que às 8h15 houve uma interrupção momentânea de cerca de três minutos. Antes disso, entretanto, algumas rádios amadoras já

[8] Versão orignal: "A system in which large networks of components with no central control and simple rules of operation give rise to complex collective behavior, sophisticated information processing, and adaptation via learning or evolution."
[9] Site da WRUC. Acesso em 23 jun 2013. Disponível em: <http://wruc.union.edu/wruc>.

existiam, operadas por participantes de clubes de rádio e também – embora em menor escala – estudantes e professores de departamentos de engenharia[10].

Desde o começo, as rádios universitárias já funcionavam como laboratórios para os discentes – não apenas nos trabalhos relacionados ao conteúdo como também ao lado técnico da transmissão. Alunos do curso de engenharia da Duke University, Carolina do Norte, por exemplo, ajudaram a montar a estação na década de 1930. O fato de possibilitarem uma experimentação antes do estudante ingressar no mercado de trabalho foi determinante para o crescimento desse gênero.

Esse modelo se popularizou não só nos Estados Unidos, como ganhou representatividade no mundo inteiro. Independentemente do país em que a emissora se localiza, fato é que existe certa unidade em torno do objetivo de uma rádio universitária.

> A contribuição e influência das rádios universitárias no desenvolvimento da formação de futuros profissionais, aliada à importância no contexto da comunicação radiofónica em geral são inegáveis e, num contexto em que a principal preocupação é a rentabilidade da estação, as rádios universitárias apresentam-se como elementos que oferecem alternativas de programação e formação. (CORDEIRO, 2005).

A possibilidade de produzir conteúdo independente – visto que, a princípio, não existem as amarras aos quais os jornalistas se veem presos quando atuam nos veículos profissionais, principalmente os ligados à linha editorial da empresa e à rentabilidade (CORDEIRO, 2005, p. 9) – aliada à certa liberdade na formulação das pautas e do texto que os alunos possuem fazem o modelo de rádio universitária despontar como uma grande oportunidade de não apenas treinar e "preparar o aluno para o mundo real", mas também incentivar a busca por novos olhares, conteúdo diversificado e qualidade jornalística.

Nesse contexto, a evolução tecnológica e a popularização da Internet influenciam tanto os meios de comunicação quanto o cotidiano das pessoas. As transformações não se restringem a uma mera transposição de conteúdo e adequação à plataforma, mas o desenvolvimento de textos e linguagens próprias desta conexão entre rádio e Internet.

[10] A WRUC é conhecida, segundo a própria rádio, como a "primeira estação com programação do país" (EUA). Fontes também indicam a KDKA como a primeira transmissão com voz, embora ambos tenham tido o seu primeiro broadcast quase que simultaneamente: a WRUC em 14 de outubro de 1920 e a KDKA em 2 de novembro do mesmo ano. O fato de que várias universidades estivessem testando ao mesmo tempo as transmissões inviabiliza uma afirmação categórica de qual foi a primeira estação radiofônica.

> Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador. (...) Essas redes conectam não apenas computadores, mas pessoas. (RECUERO, p. 16, 2009).

Como vimos, a evolução dos meios de comunicação convergiram para este cenário de conexões sociais mediadas pelo computador, capazes de estender o alcance das informações e conectá-las entre pessoas de diferentes locais, culturas e tradições. Diante da apropriação deste ambiente, inclusive por universidades, qualquer usuário conectado à web pode ter acesso a qualquer tipo de conteúdo, bem como compartilhá-lo.

COBERTURAS DA RÁDIO WEB RIO BRANCO

Até o início de 2012, os alunos do curso de jornalismo das FRB realizando a cobertura de eventos de três maneiras: redigindo textos para os meios impresso (boletins e jornais) e digital (blogs ou sites); preparando reportagens radiofônicas para hospedar na Internet – e possibilitar acesso posterior, mas sempre de forma *on demand*; e produzindo matérias televisivas que também ficariam disponíveis para acesso nos sites correspondentes.

A partir da consolidação da Agência Júnior de Jornalismo Rio Branco, e a integração entre alunos e estúdio de rádio, as coberturas passaram a contar com transmissão ao vivo (*streaming*) pelo portal de notícias dos estudantes do curso[11] e, posteriormente, disponibilizado para smartphones dos sistemas Android, iOS e Windows Phone pelo aplicativo *Tune In*[12]. Uma das propostas da Agência é promover o intercâmbio entre discentes de diferentes estágios de graduação, bem como auxiliar os alunos que ainda não cursaram disciplinas específicas a se familiarizarem com as diferentes plataformas que ainda precisarão estudar. Assim, a Rádio Web Rio Branco foi criada, com o intuito de servir como uma ferramenta de aproximação entre o meio radiofônico e a equipe jornalística.

Em 2013, o broadcast ao vivo tornou-se não apenas uma experiência, mas consolidou-se como atividade fixa a ser desenvolvida nas coberturas. Os trabalhos mais recentes foram

[11] Profissão Foca, disponível em <http://profissaofoca.comriobranco.com>.
[12] Aplicativo que integra endereços de streaming radiofônicos de todo o mundo. Disponível em <http://www.tunein.com>.

todos relacionados ao campo das negociações diplomáticas, com ênfase na segunda edição do G20 Youth Summit Brasil e o IV RBMUN (Rio Branco Modelo Universitário de Negociações). Ambos são organizados pelo curso de Relações Internacionais das FRB e possuem escopo bastante semelhante: nos dois casos, formam-se comitês os quais simulam negociações entre representantes de países nas mais diversas áreas – economia, política internacional e meio ambiente, para citar algumas. Estes duram, geralmente, cerca de 1h30 por rodada – há cerca de três rodadas por dia.

Inicialmente, nesses tipos eventos, as negociações eram transmitidas integralmente, com a intervenção periódica dos estudantes que desempenhavam o papel de âncoras da rodada na rádio. Independentemente do idioma em que aconteciam os trabalhos (inglês, no caso do G20, e português durante o RBMUN), os links ocorriam para contextualizar o ouvinte-internauta que "sintonizou" a emissora pelo site do que estava sendo discutido, além de exercitar o olhar crítico dos estudantes.

Porém, o modelo seguindo se mostrou insuficiente – tanto para estimular a audiência quanto para adicionar aos alunos bagagem prática. Para alcançar o primeiro objetivo, era necessário tornar a transmissão mais dinâmica, que não se preocupou em dialogar com o ouvinte, apenas em relatar os eventos. Já no segundo caso, apenas acompanhar as rodadas de negociação comentá-las seria restringir inadequadamente o trabalho jornalístico em rádio a essas funções, quando existem outras atividades exercidas pelos profissionais, como a de produção.

Dessa forma, a equipe criou programas radiofônicos interdisciplinares, reunindo alunos de diferentes habilitações, para debaterem sobre os acontecimentos das rodadas nos intervalos maiores entre as negociações – horários de almoço e pós-evento. É importante frisar que, em ambos os casos, os estudantes acompanhavam a instalação dos equipamentos e trabalhos técnicos – mesmo após as transmissões, os integrantes da equipe podiam experimentar também o "fazer rádio" do outro lado, o da mesa de som e conexões que levavam o conteúdo até o site e o aplicativo *Tune In*

Para muitos deles, porém, não ficou clara a distinção entre uma rádio convencional e uma rádio web. Do ponto de vista técnico, a diferença está na forma de transmissão: enquanto

uma estação hertziana transmite ondas eletromagnéticas por meio de uma antena transmissora, a rádio web possui um computador dedicado ao *streaming* (*encoder*), por onde a programação – automatizada ou em tempo real – passa para ser disponibilizada através de um protocolo – MMS, no caso da Rádio Web Rio Branco. O receptor também muda: em vez um rádio, a emissão pode ser acessada por um dispositivo computacional – compoutador pessoal, smartphones ou tablets.

É importante frisar que, em ambos os casos, os estudantes acompanhavam a instalação dos equipamentos e trabalhos técnicos – mesmo após as transmissões, os integrantes da equipe podiam experimentar também o "fazer" rádio do outro lado, o da mesa de som e conexões que levavam o conteúdo até o site e o aplicativo *Tune In*.

Mas se a maneira como o ouvinte recebe a informação muda, sua relação com o próprio dispositivo também sofre alteração, como aponta o conceito de convergência proposto por Henry Jenkins. Ao contrário de um rádio comum, o ouvinte-internauta está conectado com mais de uma tela e imerso em um panorama regido por guias do browser de navegação e múltiplas tarefas ocorrendo ao mesmo tempo. Assim, a rádio web apresenta uma das características que fizeram do rádio convencional um "companheiro" das pessoas: pode ser executado em segundo plano e acompanhado mesmo que o receptor esteja realizando outra atividade.

Entretanto, aqui a mobilidade, por ora, ainda está restrita em sua maioria aos desktops e notebooks. Segundo pesquisa realizada pelo Interactive Advertising Bureau do Brasil em 2013[13], a internet ainda é mais acessada por meio dos computadores tradicionais e portáteis – 75% dos entrevistados afirmaram usar um desktop, enquanto que 51% o fazem pelos celulares. Porém, a taxa de crescimento na categoria smartphones, pelo mesmo estudo, foi de 11%, enquanto que o uso de desktops diminuiu 2%.

Outro dado vem de uma pesquisa realizada pela Pew Internet & American Life Project em 2013[14], que aponta que cerca de 25% dos adolescentes entre 12 e 17 anos utilizam a internet

[13] Interactive Advertising Bureau Brasil. Brasil Conectado – Hábitos de Consumo de Mídia – 2013. Disponível em: <http://iabbrasil.net/portal/institucional-iab/indicadores-mercado/>.
[14] Pew Internet & American Life Project. Teens and Technology 2013. Disponível em: <http://www.pewinternet.org/~/media//Files/Reports/2013/PIP_TeensandTechnology2013.pdf>.

majoritariamente no celular, enquanto que o percentual entre adultos cai para 15%. Isso nos permite induzir que, em um futuro próximo, os smartphones terão participação ativa na vida da população. Os levantamentos mostram que os estudantes precisam, então, entender com quem estão dialogando, seus hábitos durante a transmissão e, principalmente, como se comunicar com esse ouvinte-internauta.

As transmissões da Rádio Web Rio Branco no G20 Youth Summit Brasil e IV RBMUN tentaram aproximar os dois lados (emissor e receptor), quebrando os padrões anteriores de via única na comunicação e estabelecendo uma relação de interatividade com os ouvintes-internautas por meio, principalmente, do site de relacionamentos *Facebook*. O principal expediente utilizado consistiu no incentivo à participação a partir de perguntas e comentários, que inclusive poderiam ser repassados aos participantes do evento.

Desse modo, estabelecia-se um canal de comunicação direto e em tempo real, e os alunos âncoras dos programas precisaram adequar seu texto – principalmente nos boletins pós-rodadas de negociação – à realidade da dinamicidade entre as plataformas utilizadas. O fato se comprovou no momento em que os próprios internautas participavam via Facebook das transmissões, inclusive avisando a equipe quando o streaming apresentava problemas técnicos.

Mesmo com essa reação positiva, o uso de textos que possibilitem uma adequação maior às plataformas nas coberturas realizadas ainda carece de desenvolvimento. Saber aliar as redes sociais, a mobilidade e as tendências de uma geração acostumada com múltiplas telas ainda são desafios para os estudantes, que cada vez mais precisarão lidar com um novo cenário tecnológico e textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da evolução dos meios, que transcorre paralela à sua apropriação pelo jornalismo, revela não apenas o objetivo do homem em desenvolver formas mais eficientes para se comunicar, mas também a consolidação do caminho percorrido pelo rádio em quase cem anos. Da mesma forma, a popularização da web, a partir dos anos 1990, não acontece por acaso: a criação de Tim Berners-Lee tem em seu DNA elementos oriundos do telégrafo.

Com a web, vieram chips mais velozes, dispositivos computacionais menores, interfaces amigáveis, múltiplas telas, conexões ubíquas e uso multimídia. Isso representou desvios à trilha aberta pelos meios tradicionais como o rádio.

Além de reforçar o conceito de convergência técnica, a web, como vimos, é um ambiente universal e complexo. Sua relação com o rádio evidencia a necessidade em desenvolver uma rádio web além da mera transposição, baseada em seu uso como um mero canal. Trata-se de uma nova plataforma, novas linguagens, públicos distintos e formas de transmissão com especificidades próprias.

Apesar disso, o relato empírico das coberturas realizadas pela Rádio Web Rio Branco mostra que, apesar desta percepção, a atividade prática ainda se aproxima do modelo clássico de radiojornalismo. O fato de gerações distintas de usuários coexistirem - desde os mais velhos, acostumados à forma tradicional, até os mais jovens, que desconhecem um mundo sem Internet - é uma hipótese possível para este cenário de transição.

Não há regulamentação ou normatização que indique um modelo único de rádio web, o que abre espaço para o desenvolvimento de múltiplos formatos, em tempo real ou *on demand*, com material complementar relacionado. Não há dúvidas, portanto, de que a relação entre web e rádio representam um convite à reflexão sobre o fazer rádio, bem como suas linguagens. A espinha dorsal permanece sonora, mas suas características interativas e hipermidiáticas exigem condições técnicas e qualificação de pessoal para que estas propostas ganhem relevância.

Nesse contexto, o ambiente universitário revela-se propício para experimentações, desde que seja possível encorajar o envolvimento da comunidade acadêmica. Seu potencial interdisciplinar também deve ser considerado: a relação entre estudantes de Comunicação Social e Relações Internacionais nas FRB é um indicador positivo. A emergência de novas rádios web desenvolvidas por IES, associadas a projetos consistentes e propícios à pesquisa, podem representar um lugar fértil para a estruturação de respostas acerca do futuro do rádio na Internet.

REFERÊNCIAS

BERNERS-LEE, T. **Weaving the Web**. New York: HarperCollins, 2000.

DEL BIANCO, N. R. (Org). **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência.** São Paulo: INTERCOM, 2012.

CEBRIÁN HERREROS, M. **La Radio en Internet**. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

CORDEIRO, P. **Experiências de rádio produzidas para e por jovens: o panorama português das rádios universitárias**. 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-experiencias-de-radio.pdf> Acesso em 26 jun. 2013.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LEVIS, D. **La pantalla ubicua: televisores, computadoras y otras pantallas**. Buenos Aires: La Crujía, 2009.

LIMA JUNIOR, W. T. Avanço qualitativo na pesquisa sobre tecnologias aplicadas ao jornalismo. **Revista Líbero**, v. 10, n. 20, p. 123-130, 2007.

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermidiático: tendencias e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: LabCom Books, 2010.

MEDITSCH, E. **O ensino de radiojornalismo em tempos de internet.** 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-ensino-do-radiojornalismo.pdf>. Acesso em 26 jun. 2013.

MITCHELL, M. **Complexity: A Guided Tour**. New York: Oxford University Press, 2009.

PRIESTMAN, C. **Web Radio - radio prodution for internet streaming**. Oxford: Focal Press, 2002.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>. Acesso em 26 jun. 2013.

STANDAGE, T. **The Victorian Internet**. New York: Walker and Company, 1998.